

SÍMBOLO E SEMIÓTICA EM TORNO DA ÁGUIA BICÉFALA¹

Mariana da Silva VALENTE²

Nincia Cecilia Ribas Borges TEIXEIRA³

RESUMO: Partindo de pressupostos da semiótica peirceana, a análise de um símbolo representa a volatilização de significados de um mesmo objeto conforme a cultura e a “leitura” dos signos. A simbologia da Águia Bicéfala se instaura a partir da perspectiva cristã, dentre os séculos XVII/XVIII, no entanto, observa-se uma analogia frequente dos símbolos com o paganismo do deus filosófico Sol. A pesquisa investiga a simbologia que perpassa o signo águia bicéfala.

PALAVRAS-CHAVE: Símbolo; Volátil; Águia Bicéfala; Deus Sol

INTRODUÇÃO

A capacidade de um símbolo em se transformar e se adequar a contextos diferentes caracteriza a faculdade mais notável desse elemento semiótico. Analisar suas representações infundidas a meios determinados pode revelar o campo vasto de analogias que o mesmo adquire e possibilita ao passo que se adapta a um cenário.

Essas “adaptações”, na realidade, referem-se aos símbolos que as esferas culturais, envoltas de costumes e crenças, volatilizam e qualificam como símbolo devido a significação que o mesmo adquire, resultado da ideologia que permeia o ambiente social.

Dessa forma, a análise semiótica da águia de Lagash, ou águia bicéfala⁴, segue o contexto embasado nos séculos XVII/XVIII a partir de uma lógica cristã religiosa, delimitando o campo da observação afim de não expandir a pesquisa para outras áreas de estudo que não condizem com a dúvida inicial a qual gerou a problematização e averiguações antecedentes ao ato de escrita do texto.

A partir do método semiótico de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade fez-se a análise do objeto, identificando a ligação analógica dos significantes com símbolos pagãos históricos, tendo menção constante ao deus filosófico Sol.

¹ Trabalho apresentado à disciplina de Semiótica;

² Estudante de Graduação 3º Ano do Curso de Comunicação Social, Hab. Em Publicidade e Propaganda da UNICENTRO, email: marianavalente1996@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda, e Letras da UNICENTRO, email:

⁴ No texto são utilizados distintos termos para se referir ao objeto de análise. Tais como: Águia de Lagash; Águia Bicéfala; Águia de duas Cabeças; Ave; Pássaro;

O SÍMBOLO SEMIÓTICO

Apesar de ser uma área de estudo muito antiga, com indagações suscitadas já no então mundo grego, a semiótica, a qual estuda a linguagem e os signos, só ganha ênfase em suas pesquisas a partir do século XX. Oriunda de princípios da fenomenologia, ela se alicerça em seus conceitos para descrever sua teoria (SANTAELLA, 2008).

Várias são as vertentes desta ciência, porém, a que vamos estudar neste momento foi elaborada pelo então cientista/pesquisador Charles Sanders Peirce (1839-1914) (SANTAELLA, 2008).

Segundo Santaella (2008), a Semiótica é uma ciência distinta da linguística. Ela estaria engendradora a uma tríade normativa, baseada no estudo dos ideais, valores e normas, aos quais seriam compostos pela estética, pela ética e pela lógica (semiótica).

Esta lógica estaria minada de um repertório repleto de signos aos quais “dariam luz”, ainda, a três ramos da semiótica, sendo elas a gramática especulativa: que se baseia no estudo dos variados tipos de signos, a lógica Crítica: que se dedica ao estudo dos diversos modos de condução do pensamento/inferências/raciocínios, e a retórica Especulativa ou Metodêutica: que faz a análise dos métodos a que cada um dos tipos de raciocínio que se origina (SANTAELLA, 2008). Esta representação tríadica da semiótica estaria ligada a sua amplitude de interpretação, pois ela tem a capacidade de estudar as mais variadas espécies de signos.

Na semiótica, os signos são representações de “objetos” que se corporificam em qualquer coisa. O signo é múltiplo, variável e se modifica de acordo com o olhar do observador. Na definição de Peirce, o signo também tem uma natureza triádica, sendo ela: Em si mesmo, nas propriedades internas, ou seja, no seu poder para significar; Na sua referência, aquilo que ele indica, se refere ou representa, e nos tipos de efeito que ele está apto a produzir em seus receptores.

O efeito interpretativo que o signo pode causar depende muito de como o mesmo está representando o seu objeto. Neste sentido signo seria tudo aquilo que dá corpo ao pensamento, as emoções e as reações.

Esses princípios seriam advindos da fenomenologia, a qual seria tudo aquilo ou qualquer coisa, que aparece à percepção e à mente. Na semiótica, tudo que esteja ligado a mente e possua significação, exerce a natureza de signo. Pois o signo se incorpora a mensagem e dá sentido as reações e emoções do receptor.

Ainda, neste sistema de atribuição, analisam-se as três propriedades que o atribuiriam sentido, sendo elas o quali-signos, aos quais seriam qualidades que são atribuídas a algo, e que, por convenção social acabam se tornando signos; O sin-signo, que partiria de sua própria existência e o legi-signo, que estabeleceria o caráter de lei. Essas atribuições são características da conexão existente entre a linguagem e o interpretante.

Interpretar essas conjunções, ou seja, desfragmentar o signo leva a uma ação do intérprete guiada pelo signo e o seu objeto (significado). Porém, para haver um significado, o signo deve referir ao interpretante dinâmico algum elemento que o leve a efetivar uma produção de sentido ao intérprete (SANTAELLA, 2008).

Sem um conceito ideológico inicial não há uma significância interpretativa, desta maneira o símbolo não ganha forma, pois não há associação a nenhum objeto por meio do signo. Portanto, um mesmo signo pode fornecer distintos símbolos, devido o objeto que o intérprete faz ligação com o signo.

A percepção do signo, também, toma caracterização através do ícone. O ícone se assemelha ao objeto que procura representar, no caso das pinturas e fotografias. Já o índice está ligado diretamente a aquilo que representa, ou seja, indica alguma existência.

A análise semiótica proporciona aos interlocutores diferentes leituras de um mesmo objeto. Desta forma, os contextos de análise dependem de como o contato prévio com o objeto ocorre e qual a bagagem cultural/ideológica, permeadas pelas convenções sociais o interlocutor possui (SANTAELLA, 2008).

Como a percepção de uma cultura se altera em relação à outra, a concepção de símbolo varia para cada interlocutor. Visto seu processo de desenvolvimento e a gama de informações que cada cultura oferece e contribui nas formações sociais, as experiências culturais que o mesmo vive interferem diretamente nas formas de análise que cada indivíduo terá de um mesmo objeto (RIBEIRO, 2010).

Essas diferentes leituras implicam a representações simbólicas que variam de pessoa para pessoa, ao qual pode ser apropriado e modificado devido as alterações dos momentos sócio - econômicos – culturais(RIBEIRO, 2010). Para Peirce apud Ribeiro:

representação é a apresentação de um objeto a um intérprete de um signo ou a relação entre o signo e o objeto. Assim, o autor define representar como “estar para”: o signo, para certos desígnios e relacionando-se a outra entidade, é tratado por alguma mente como se fosse aquilo que ele representa. Por exemplo, uma foto ou uma pétala seca que levamos em nossa carteira e que foi dada por uma pessoa muito especial representa essa pessoa, para quem se dirige a concepção de reconhecimento. De fato, ao carregar a foto ou pétala seca, uma pessoa estará, de certa forma, trazendo para perto de si a outra pessoa, pois gostaria que estivesse sempre consigo. No momento em que não pode estar presente, essa pessoa está ali simbolizada e seu significado, aproximado por meio dos símbolos que a representam (RIBEIRO, 2010, p 46).

O símbolo contém personificações que fazem menção a ícones que remetem a indícios que configuraram o papel do mesmo no momento vivido, ou seja, o símbolo possui significado para aqueles que o utilizam, no momento que a função de representatividade de um símbolo é desqualificado o mesmo deixa de existir (RIBEIRO, 2010).

O SÍMBOLO SEMIÓTICO E A ÁGUIA BICÉFALA

Símbolo imperial, usado em diversas monarquias, carregado de insígnias políticas, religiosas, econômicas e sociais, a águia de duas cabeças é um dos símbolos mais antigos da história. Durante séculos o símbolo foi relacionado a diferentes campos da sociedade. Entre o político e o dogmático a ave foi símbolo de diversas ramificações sociais. No Sacro- Império Romano Germânico por volta dos séculos XVII e XVIII

essa águia imperial do tempo do barroco aparece despojada de insígnias políticas (espada, cetro, globo), adornando altares, ostensórios, arcos-cruzeiros, fachadas de templos, portas, cúpulas, paredes, púlpitos, lavatórios sacros, esculturas e pinturas da Virgem e do Menino, vestes litúrgicas, etc.; relacionada, portanto, ao culto e aos dogmas da fé católica – nas obras artísticas, muitas vezes, a associação entre a dupla águia e a unidade carne-espírito, humano-divino, princípio axial da fé católica, representada pela Virgem-Mãe e o Cristo é indicada de forma direta (TRINDADE, 2010, p 11).



Figura 1: Imagem I

TRINDADE, JaelsonBitran. O Império dos Mil Anos e a arte do “tempo barroco”: a águia bicéfala como emblema da Cristandade. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.18. n.2. p. 11-91. jul.- dez. 2010.

Sendo o mais antigo brasão do mundo, a “Águia Bicéfala” ou “Águia de Lagash” remete a um símbolo emblemático da antiguidade que remonta a antiga cidade de Lagash, que ficava ao sul da Babilônia, entre os rios Eufrates e Tigre, sendo perto da atual cidade de Shatra, no Iraque. Antes disso, o símbolo já era utilizado “(...) há cerca de mil anos antes do Êxodo do Egito, e há mais de dois mil anos quando foi construído o Templo do Rei Salomão” (www.tvaroli.com.br).

Ao longo dos séculos sua representatividade foi passando por vários povos até ser instituída no ano de 102 a. C. pelo cônsul romano Marius como símbolo oficial da Roma Imperial. Em 1758, a Águia Bicéfala também passa a ser utilizada por uma facção maçônica de Paris. (www.tvaroli.com.br).

Com o passar do tempo o símbolo vai perdendo representatividade, porém por volta do século XVII, na Europa, durante o Tempo do Barroco, marcado por um cenário ao qual se desenvolvia freneticamente os fenômenos artísticos na literatura, na música, na escultura e na

arquitetura (HATZFELD, p. 14, 1988), a Águia Bicéfala volta ao simbolismo Imperial do antigo Império Cristão do Oriente (Bizâncio).

Despojadas de ícones políticos, a águia de duas cabeças foi vinculada ao simbolismo da Igreja católica, representando as unidades dos poderes espirituais e temporais da igreja (TRINDADE, 2010).

No plano religioso essa obra é carregada de signos que simbolizam o poder eclesiástico do período, caracterizando o corpo místico da Igreja do Império dos Últimos Dias, Império de Cristo no Mundo Todo, Quinto Império⁵ (TRINDADE, 2010).

Visto sua notabilidade, esse símbolo que perpassa por distintos meios sociais, políticos, econômicos, religiosos e ainda pelo viés da crença, no caso da maçonaria, carrega em si questões relativas a mutabilidade da humanidade e da expansão da fé.

Segundo TRINDADE, p. 15, 2010

Tal símbolo da águia bicéfala – que por toda a parte do mundo católico mais fortemente romanizado durante a segunda metade do século XVII e as duas primeiras décadas do XVIII (c. 1660-1730) aparece com frequência como um motivo realçado nos objetos artísticos, na ornamentação arquitetônica e nas artes decorativas do “tempo barroco” – não é o símbolo do Sacro Império Romano germânico, nem o da dinastia dos Habsburgos, nem o da Ordem de Santo Agostinho 11 , pois está desacompanhado dos elementos heráldicos e das insígnias que compõem as suas respectivas armas (mas coexiste com os dois outros e diferencia-se deles). É uma reapropriação do símbolo de status imperial político, a bem e a serviço de um projeto imperial eclesiástico. É o emblema da Cristandade, enquanto união e unidade na qual a fé verdadeira está afirmada; enquanto projeto imperial, representando o poder do Cristo e de sua Igreja, a que tudo deve se submeter. Os Mistérios da fé, ou o equivalente Rosário da Virgem, dão suporte a tal emblema (TRINDADE, p. 15, 2010).

É neste meio religioso que a ave ressurgue, trazendo em seu símbolo lato, características que seriam comuns em todos os séculos que configuram sua existência, e configurando a si novas insígnias religiosas, porém, marcando em seu símbolo geral características comuns há todos os meios.

A Águia de Lagash é um símbolo misterioso. A figura a ser analisada representa uma ave, que no caso é a águia, toda dourada, tendo duas cabeças, uma direcionada para a direita e a outra para a esquerda. Sobre elas observamos uma coroa de tamanho médio.

Na imagem, a ave esta moldada num material que nos lembra o ouro, podendo mesmo ser encontrado em metal ou madeira pintada. As asas da águia encontram-se abertas, assim como suas pernas e garras. A águia de duas cabeças está de costas, os moldes que representam os olhos nos dão a impressão de estarem olhando o horizonte.

⁵ Refere-se ao Império Luso, Portugal.

As penas acima de suas cabeças estão em postura altiva, assim como, também, sua calda, percebe-se que por todo o seu corpo há representações de plumas. O fundo da imagem esta representado na cor vermelha, e a ave em dourado. O bico de ambas as cabeças é comprido e pontiagudo. No “topo” da coroa pode-se observar um formato de cruz.

As cabeças representadas demonstram igualdade em forma e tamanho. As características são semelhantes em ambas as reproduções. Na imagem a águia de duas cabeças não se encontra apoiada em nenhum ponto ou representação sólida, dando a impressão de que esta voando.

Na tradição Hindu, os pássaros representam o estado ao qual o ser atinge o seu plano superior, também para eles a águia, o “pássaro gigante”, figurava o sol ligado a uma divindade criadora. No antigo simbolismo egípcio o pássaro passa a representar a alma do ser, estando livre para voar após a morte do corpo, sendo adotados em pinturas, homens com cabeças de águias. Na alquimia, os pássaros representam as forças em atividade (CIRLOT, 1984).

No Ocidente, contemporaneamente, a águia bicéfala

aparece associada a diferentes congregações religiosas: agostinhos, jesuítas, franciscanos, dominicanos, carmelitas, beneditinos, cistercienses etc. E em diferentes partes do mundo que estiveram sob domínio da Monarquia Católica, da Monarquia Portuguesa ou em territórios ligados diretamente ao Pontífice. Chama a atenção o fato de tal iconografia não aparecer nos templos das terras do Sacro Império Alemão – justamente aquele que tem uso político da águia bicéfala como símbolo de império (TRINDADE, p. 15, 2010).

Na era Cristã, sua postura de soberana também ligou-a ao pecado da altivez, devido seu olhar dirigido a distância. No simbolismo maçônico a águia de duas cabeças é ligada ao rito do 33º grau do rito escocês⁶, contendo em seu peito um triangulo com o número 33, e entre suas garras uma faixa com a inscrição em latim “Deus Meumque Jus”, que em português significa: “Deus e o Meu Direito”. (BIEDERMAN, 1993).

Em seu signo lato a águia é tratada como rainha das aves e da encarnação, substituindo a mais alta divindade do fogo celeste – o sol. Em todas as civilizações a águia é símbolo de poder e vitória, acompanhando ou representando deuses e heróis. É a única das aves que consegue fixar o sol, atuando também como símbolo de luz intelectual (CHEVALIER, 2007).

No caso da águia bicéfala,

⁶ Conjunto de normas, regras e prescrições que devem ser praticadas dentro de um trabalho “religioso”.

nas antigas civilizações da Ásia Menor, a águia bicéfala era o símbolo do poder supremo. Nas tradições xamânicas da Ásia Central, é frequentemente representado no topo da coluna do Mundo, situada no meio das aldeias; os dólganes chamam-na de o pássaro-senhor, e consideram a coluna que jamais se desmorona, no topo da qual esta pousada, como a réplica de uma coluna idêntica colocada diante da morada do Deus supremo, cognominada aquela que jamais envelhece nem tomba (CHEVALIER, p. 26, 2007).

As duas cabeças representam nesses termos menos dualidade ou multiplicidade do poderio do império, do que o reforço da autoridade e soberania dos reis, assim como, também, no âmbito religioso, maior representatividade do feminino no alto poder eclesial (CHEVALIER, 2007).

Sobre as cabeças, uma imponente coroa se materializa. Estando na parte mais alta do corpo, a coroa simboliza o próprio ato de superação, sendo também atributo de deuses, ela representa sucesso do sujeito que passa do pressuposto do ato à ação. Símbolo de evolução espiritual, a coroa representa luz devido a capacidade, limitada a alguns homens, de ter êxito sobre si mesmos (CIRLOT, 1984). Ornamentalmente a coroa eleva em relação aos outros aquele que a usa. Coroas circulares, como é o caso da que ornamenta as cabeças da águia, representam a realeza e o mais elevado símbolo de poder (BIEDERMANN, 1993).

Sobre a coroa, em tamanho mais acentuado, pode-se observar um crucifixo. Como símbolo mais popularizado, a cruz é formada por duas linhas, uma em sentido meridional e outra paralelamente ao mesmo (ZILLES, 1990). Suas extremidades guiam, de dentro para fora, para os quatro pontos cardeais⁷, sendo assim, a base do símbolo da orientação nas diversas fases de evolução do ser humano. Nela o tempo e o espaço se configuram em um só devido sua ligação central, que também marca as encruzilhadas (CHEVALIER, 2007).

As asas imponentes da águia bicéfala, representada na imagem, indicam no simbolismo a faculdade cognitiva; aquele que compreende tem asas, sendo a inteligência o mais rápido dos pássaros. São associadas ao elemento ar por sua excelência magistral. No cristianismo, as asas simbolizam o espírito. Também símbolo de libertação, as asas indicam poder e elevação sublime sobre os demais (CHEVALIER, 2007).

As representações de plumas que marcam todo o corpo da águia bicéfala caracterizam a leveza, que de acordo com as crenças antigas, mantinham o pássaro sob o ar (BIEDERMANN, 1993). As plumas possuem um símbolo latente muito forte voltado ao poder e a justiça, atuando como representação fundamental nas tomadas de decisões e justo

⁷ Norte, Sul, Leste e Oeste.

equilíbrio, pois até mesmo o mais leve dos pesos pode alterar o posicionamento das balanças da justiça (CHEVALIER, 2007).

Durante todo o estudo, a máxima de que a águia é a única ave que consegue fitar o sol de frente foi fortemente ponderado. Os simbolismos em torno dos olhos da águia bicéfala partem de um princípio nato e quase universal de percepção intelectual. Em algumas etnias os dois olhos são identificados como os luzeiros sol e lua. Na tradição o olho direito estaria ligado ao sol, correspondendo às atividades do futuro, e o olho esquerdo estaria conexo com a lua, estando ligado à passividade e ao passado. Reafirmando a relação entre sol e olho, no termo irlandês é um equivalente simbólico ao sol. Nas tradições egípcias o olho representa fonte de natureza solar, sendo ainda fonte de luz, conhecimento e fecundidade (CHEVALIER, 2007). No misticismo religioso

nosso mundo não passa de um sonho; o mundo e a realidade verdadeiros se encontram no Uno Divino; Deus é a única e verdadeira fonte real e última, de onde surgem todas as coisas. Emprega-se, pois, 'ayan (olho) no seu duplo sentido de real e de fonte para indicar a existência superior da mais profunda essência de Deus (CHEVALIER, p. 655, 2007).

Ainda segundo CHEVALIER, na tradição Maçônica “(...) o olho simboliza, no plano físico, o Sol visível de onde emanam a Vida e Luz; no plano intermediário ou astral, o Verbo, o logos, o Princípio criador; no plano espiritual ou divino, o Grande Arquiteto do Universo” (CHEVALIER, p. 656, 2007).

Os bicos pontiagudos e de igual representação em ambas as cabeças da águia bicéfala, o que seriam as bocas da ave, aludem as funções de alimentação que a extremidade é incumbida. Mais uma vez, o símbolo faz analogia com o Deus Solar, por isso das representações de animais lendários cuspidos fogo. Ponto de união entre o exterior e o interior, a boca da águia de duas cabeças atua como equilíbrio entre a ave e a natureza (CIRLOT, 1984), que ao passo que pode organizar, animar e construir, também é capaz de destruir, matar, confundir e rebaixar (CHEVALIER, 2007).

Na imagem, a águia de duas cabeças aparece suspensa no ar, como se estivesse voando. Em seu simbolismo, voar representa elevação, ou num termo mais sofisticado “transcendência do crescimento”, representando superioridade, poder ou força (CIRLOT, 1984).

A cor em vermelho predominante no fundo da imagem da contraste com o dourado que foi empregado a ave. O vermelho, universalmente ligado a origem da vida adquire vertentes de significação que tornam possíveis conformidades entre força, vigilância,

tolerância e proibição. Segundo CHEVALIER “(...) Não há povo que não tenha expressado – cada um a sua maneira – essa ambivalência de onde provém todo o poder de fascinação da cor vermelha, que leva em si, intimamente ligados, os dois mais profundos impulsos humanos: ação e paixão, libertação e opressão” (CHEVALIER, p. 946, 2007).

As duas cabeças, como já mencionado anteriormente, representariam menos desigualdade e mais unificação entre o meio sócio cultural em que águia estivesse sendo representada. Estando uma das cabeças direcionada para a direita e a outra para a esquerda, o sistema dualístico representado poderia ser analisado a partir da teoria de que o lado direito seria a face privilegiada e a esquerda a face menosprezada.

Em diversas culturas o lado direito é considerado masculino, e o esquerdo feminino, isso decorrente da desvalorização da mulher por estabelecer a conexão de que o lado direito seria usado no cotidiano e o esquerdo na magia, fazendo uma menção ao período medieval de caça as bruxas e feiticeiras (BIEDERMANN, 1993).

Na águia de duas cabeças, apesar de suas cabeças estarem voltadas para lados distintos, uma cabeça não se sobressai em relação a outra. Ambos os crânios são de similar tamanho e forma, assim como, também, suas características e grau de inclinação.

No meio religioso “(...) Cristo é águia, a Virgem é águia, dizem os exegetas. Cristo, em sua Ascensão; a Virgem, em sua Assunção” (TRINDADE, p. 39, 2010), neste campo, um não perde ascensão em relação ao outro. O dogmatismo da igreja encara como dualidade complementar entre o Cristo e a Virgem, estando em ambos a

condição da salvação universal, está associada á Virgem, tanto quanto nela se liga a Deus a alta espiritualidade que a condição humana pode alcançar – ambos subiram de corpo e alma aos céus. Ele, o Redentor, ela a Redentora – o filho e a Mãe, Rei e Rainha. É a união mística com o Cristo “(TRINDADE, p. 39, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ligação divina/espiritual atribuída à águia de duas cabeças é eminente em vários (se não em todos) os seus aspectos. A analogia entre Deuses e elementos que elevam o símbolo ao grau do misticismo é constante na análise dos “objetos” que compõem o símbolo. A mesma esta repleta de signos que atribuem ao símbolo grau de elevação e significações distintas de acordo com cada nuance e contexto observado.

O liame entre a águia bicéfala e o sol é relatado constantemente na análise. Entre os babilônicos o sol era considerado seu próprio Deus, e a adoração em torno dele assumiam diversas formas (DOUGLAS, 2006). A associação entre a águia de duas cabeças com o sol,

tratado não como parte do sistema solar, mas como Deus, é reforçado quando dispusemos da analogia dentro do campo religioso, ao qual buscou-se enquadrar a análise da águia bicéfala.

A dualidade cefálica da ave, e a similaridade em todos os detalhes não trazem maior representatividade em nem um dos lados. Rememorando a definição de direita e esquerda, que é explanado durante o estudo, o perfil dado, de que na teoria o lado direito se sobressai em relação ao esquerdo não pode ser aplicado a imagem, pois ao passo que fazemos a analogia da águia, dentro do meio religioso, as comparações das cabeças da ave com Maria e Jesus Cristo nos trazem reflexões acerca da ambivalência entre ambos os símbolos de fé. Da mesma forma que na representação da águia, visualmente ambas as cabeças são similares em todos os aspectos.

Semioticamente, o símbolo é rico em signos, significados e significantes. Visto a datação histórica, baseada dentre os séculos XVII/XVIII, o símbolo faz parte do contexto de várias civilizações, remontando a história das mesmas a partir de contextos distintos, aos quais atribuem a águia bicéfala diversos significados, fazendo da ave um símbolo volátil da história.

As atribuições simbólicas que cada civilização remete ao objeto configuram a capacidade que um signo tem em se adequar de acordo com as predisposições das convenções sociais de uma época. A “materialização” do símbolo aos interlocutores de cada momento social/cultural, é característico do meio envolto da ideologia de cada período.

Partindo dos pressupostos dos símbolos pagãos, análogos da águia, a relação cristã da ave coage com a carga histórica de significados que a foram atribuídas ao longo dos tempos. Apesar da denominação da mesma estar no gênero feminino, em momento algum fica implícito qual a sua episteme. Os signos femininos e masculinos não se sobrepõem um ao outro, porém a analogia evidente da ave com o deus sol, a qualifica como um signo masculino. Mas, todavia, isso não quer dizer que sua representação seja machista ou/e patriarcal, pois todos os significantes que compõem esse símbolo expressam significados puros e positivos, exaltando também o feminino.

Dessa forma, analisamos o quão volátil pode ser um símbolo, e de que, como a análise semiótica de um objeto antiquíssimo, tal como a águia bicéfala, pode trazer significados distintos e reveladores conforme cada época e civilização.

No estudo, fica evidente a ligação da ave com o cristianismo pagão devido a constante analogia dos símbolos isolados que compõem o águia de duas cabeças, e principalmente da

mesma com o Deus pagão Sol. O dualismo presente nela, traz esboços dos gêneros feminino e masculino do cristianismo, que seriam Jesus Cristo e Maria, colocando-os num mesmo nível.

REFERÊNCIAS

A ÁGUIA DE LAGASH. Disponível em <http://www.tvaroli.com.br/aguia_lagash.htm>. Acessado em 14 de agosto de 2016.

BIEDERMAN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos.** – São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números).** – 21º Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de Símbolos.** Ed. Moraes, 1984.

DOUGLAS, J. D. O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: 3 ed., 2006.

HATZFELD, Helmut Anthony, 1892. **Estudos sobre o barroco.** – São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RIBEIRO, Emílio Soares. Um estudo **sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce.** USP: vol. 6, nº 1 p. 46–53, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Cengage Learning, 2008.

TRINDADE, Jaelson Bitran. O Império dos Mil Anos e a arte do “tempo barroco”: a águia bicéfala como emblema da Cristandade. In: **Anais do Museu Paulista.** São Paulo. N. Sér. v.18. n.2. p. 11-91. jul.- dez. 2010.

ZILLES, Urbano. **A significação dos símbolos cristãos.** – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.